

CORINA BOMANN

A HERANÇA DE
AGNETA

≡< AS MULHERES DA HERDADE DO LEÃO >≡

TRADUÇÃO
ANA PINTO MENDES

 Planeta

Primeira Parte

1913

Capítulo 1

Algo me encandeava. Quando abri os olhos, pensei que estava no meu antigo quarto da Herdade do Leão. Mas aquilo que, num primeiro instante, me pareceu um ornamento de estuque, revelou-se uma comprida fissura no teto, em torno da qual se haviam formado manchas de humidade. As mais escuras já lá estavam quando para aqui me mudei há dois anos, as mais claras surgiram apenas há pouco tempo. Entornaram um balde de água no apartamento do piso de cima, acrescentando assim mais um ornamento àquela obra de arte. A alvenaria das casas do bairro universitário de Estocolmo era porosa como uma esponja e absorvia a água com a mesma rapidez com que esta depois voltava a gotejar.

Em compensação, como estudante, pagava pouco para ali morar. A minha mãe diria que era miserável e abaixo da minha condição, mas ali eu podia ser quem realmente sou. Podia estudar, apesar de tal não ser bem visto pelos membros da alta sociedade. Não tinha de seguir convenções. Que diferença fazem meia dúzia de manchas no teto do quarto?

Um ar frio bafejou-me o rosto. Olhei na direção da corrente de ar e reparei que o papel de jornal voltara a cair do buraco no vidro. A vidraça inferior da janela estava partida há muito tempo. Devia o estrago a um rapaz que, enquanto brincava desgovernado na rua, atingira a minha janela com uma pedra. O meu senhorio não reconheceu que deveria mandar reparar a janela, e eu não me podia dar a esse luxo, porque teria sido necessário pedir mais dinheiro ao meu pai. Eu já não ia à Herdade do Leão desde a última grande discussão no Natal, e também não procurara estabelecer nenhum contacto.

Eu sabia que os meus pais reprovavam o meu modo de vida. Quando, há dois anos, recorri ao tribunal para que declarasse a minha emancipação,

os dois fizeram má cara, pois tinham a esperança de me ver casar ainda antes de fazer vinte e cinco anos. Tal não aconteceu e, ao assumir as rédeas da minha própria vida, mostrei-lhes claramente que o meu caminho não seria aquele que tinham previsto para mim.

Em todo o caso, não seria eu um dia a herdar a propriedade, mas sim o meu irmão. Hendrik era um filho exemplar, o melhor filho que um homem como o conde Thure Lejongård poderia desejar. O meu pai não se cansava de mo lembrar. Eu não era um filho varão e, além disso, era apenas a segunda descendente. Podia viver a minha vida como quisesse. Em todo o caso, eu e as minhas amigas estávamos absolutamente convictas disso mesmo e, sempre que podíamos, defendíamos este nosso ponto de vista.

A vida que eu própria escolhera também incluía o odor penetrante que pairava no ar. O incisivo aroma da terebintina misturava-se com o cheiro mais brando do verniz e das tintas a óleo. Mesmo quando não estava a trabalhar num quadro, parecia estar sempre presente. Não fazia ideia de quem vivera antes naquela casa, mas quem viesse depois de mim saberia que a sua antecessora era pintora.

Michael mexeu-se ao meu lado. A sua poupa louro-arruivada emergiu entre as almofadas e, pouco depois, vi-lhe o rosto amarfanhado. Primeiro, abriu um olho, depois o outro, para depois os semicerrar aos dois de encontro à luz do sol que inundava o apartamento.

– Porque é que já estás levantada tão cedo?

Um sorriso subiu dentro de mim como as bolhinhas de um copo de gasosa. Estendi a mão para lhe tocar na poupa. O seu cabelo era denso e incrivelmente macio, como o pelo de um gato. Adorava enterrar os dedos lá dentro, especialmente quando dávamos rédea solta ao nosso prazer e a sua cabeça pousava entre as minhas coxas.

– Já passa das nove – respondi. – Na verdade, já devíamos estar levantados há muito.

– Quem diz? – Olhou para mim e esticou os dois braços na minha direção.

No seio das feministas havia algumas que odiavam mesmo os homens e para quem estaria fora de questão um homem puxá-la para os seus braços. Mas a mim agradava-me. Para mim, o mais importante era ser eu mesma a escolher quem acolhia na minha cama. No último ano, fora exclusivamente o Michael, e amiúde dava por mim a pensar que não queria nunca mais deixá-lo ir-se embora. Quando ele terminasse o curso, talvez nos casássemos. Era estranho que eu, que fugira da casa paterna, me pusesse a pensar em

casamento, mas a ideia aquecia-me tremendamente o coração. Mesmo que isso significasse que voltaria a perder a independência por que lutei tão arduamente. Mas eu tinha a certeza de que Michael não teria nada a opor se eu continuasse a pintar. Afinal de contas, também nada o inibira de se apaixonar por uma sufragista.

– Cresci numa casa de boas famílias, onde reinam a pontualidade e a organização – retorqui.

Ele beijou-me e afastou a memória dos meus pais que começava a crescer dentro de mim.

– A sério? – perguntou Michael, começando a acariciar-me o pescoço e a deslizar lentamente pelo meu corpo abaixo. Senti uma palpitação no meio das pernas que me fez deixá-lo continuar. Eu gostava muito quando nos amávamos logo ao acordar, era simplesmente maravilhoso e dava-me forças para enfrentar o dia que tinha pela frente.

As pancadas na porta fizeram-me encolher abruptamente. Michael também parou. Primeiro, olhou para a porta e, depois, dirigiu-me um olhar interrogativo.

– Estás à espera de alguém?

O seu rosto era todo ele um rubor incandescente. Percebi que estava com dificuldade em controlar a sua excitação. E também eu teria preferido fazer outras coisas naquele momento a ter de pensar em quem estaria a bater-me à porta àquela hora.

– Menina Lejongård? Está aí? – perguntou uma voz, acompanhada de mais pancadas, ainda mais prementes. – Tenho um telegrama para si. É urgente!

Um telegrama?

– Um momento, por favor, vou já! – gritei, olhando para Michael.

– Tens mesmo de ir? – resmungou ele, recomeçando a beijar-me o pescoço. Teria gostado tanto de continuar nos seus braços sob o edredão quente, mas soltei-me dele e saí da cama. O ar frio de março afugentou-me subitamente o cansaço e, infelizmente, também o desejo. Muito depressa, agarrei no roupão, vesti-o e atei-o à cintura. E então dirigi-me para a porta.

O homem, que usava o uniforme dos Reais Serviços Postais da Suécia, olhou para mim um pouco confrangido.

– Bom dia. Perdoe-me a intromissão, mas tenho a indicação de lhe entregar isto imediatamente.

Peguei no pequeno envelope e virei-o. Era um telegrama da minha mãe.

– Espere um momento.

Deixando o homem parado à porta, fui até à cómoda, onde guardava sempre algum dinheiro. Coloquei dez *öre* na mão do mensageiro e fechei a porta. De algum modo, aquele pequeno envelope parecia pesar-me mais do que uma saca de batatas.

– O que é? – perguntou Michael, que se sentara, entretanto, na cama. Ao contrário de mim, não parecia ter frio, já que encostou o tronco nu à almofada. Assim, com o sol a conferir-lhe um brilho dourado à pele, também poderia ter pousado como modelo para qualquer um dos inúmeros pintores do nosso bairro.

– Vamos já ver. – Enfie o dedo na abertura da aba do envelope e rasguei-o.

Que queria a minha mãe? Já não falávamos desde o Natal. Puxei o telegrama para fora e abri. Assustada, inspirei profundamente quando vi o que lá vinha escrito.

+++ Pai e Hendrik acidente +++ Vem pf imediatamente
para casa +++ Mãe+++

Paralisei. Um acidente?

O meu coração disparou a toda a velocidade e, por um instante, tentei convencer-me de que era apenas um truque mesquinho da minha mãe para me fazer voltar para casa. Mas a verdade é que Stella Lejongård não brincava quando se tratava da saúde e da vida dos seus familiares.

– O que se passa? – perguntou Michael, levantando-se.

Não consegui responder. Como que petrificada, fiquei parada no quarto, sem conseguir tirar os olhos do telegrama. As letras escritas à máquina pareciam estar em chamas.

Só quando ele me pousou a mão no ombro caí de novo em mim.

– O meu... meu pai... – balbuciei. – Ele e o meu irmão... tiveram um acidente.

– Como? – perguntou Michael.

– Não diz, se calhar foi com os cavalos...

Os meus pensamentos corriam acelerados. O meu pai e Hendrik eram cavaleiros exímios. Pareceu-me improvável um acidente a cavalo em que ambos ficassem feridos. Qual seria a gravidade dos seus ferimentos? De certeza que eram graves, caso contrário a minha mãe não me chamaria para

casa. A folha escorregou-me das mãos. Michael agachou-se e apanhou-a do chão.

– Tenho de ir para casa. – Estas palavras saíram-me quase apenas num sussurro.

Dado que não tinha segredos com Michael, deixei-o ler o telegrama.

– Deus do céu! – murmurou, assustado. Olhou depois para mim e agarrou-me na mão, que parecia não ser minha. – Posso fazer alguma coisa por ti? Queres que vá contigo?

– Não – respondi, tentando recompor-me. – Tenho... tenho de apanhar um comboio. Ou um coche.

– Com o coche a viagem é muito lenta – observou Michael. – Mas pode ser que haja hoje um comboio para Kristianstad.

Anuí, mas senti que o meu próprio corpo não me obedecia. Tinha de me apressar, mas não conseguia. A minha vontade era enroscar-me debaixo dos cobertores e fingir que não recebi o telegrama. Que não estava ali. Mas tinha de ir. Caramba, tinha de me ir embora!

Por fim, consegui sair do lugar.

– Queres que te ajude? – perguntou Michael.

Abanei a cabeça. Era algo que eu teria de superar sozinha, não havia ajuda possível. E levá-lo comigo ao encontro da minha mãe? Deus me livre!

Quando abri o guarda-fatos, o peso de chumbo que sentia no corpo transformou-se num nervosismo descontrolado. Com as mãos a tremer, reuni meia dúzia de coisas. Não me importava o que a minha mãe diria de tal escolha. Em todo o caso, a minha melhor roupa ficara na Herdade do Leão, por isso ela não ficaria satisfeita com nada que eu pudesse levar vestido. Deslizou-me na mão uma blusa preta. Por algum motivo, fitei-a mais tempo do que teria sido necessário. *Preto, não*, disse para mim mesma, sentindo uma onda de medo a subir dentro de mim. Preto era a cor do luto e pareceu-me mau augúrio levá-la comigo. Atirei-a, então, para o canto mais fundo do guarda-fatos. *Um acidente*, disse para os meus botões. *Foi um acidente, estão feridos, mas ainda vivos. A minha mãe não me teria escondido se um deles estivesse morto.*

Ao vestir-me, sentia-me febril. O tecido magoava-me a pele. O sobretudo que vesti por cima quase me oprimiu com o seu peso. Tinha as mãos tremantes quando agarrei no saco de viagem.

Virei-me para Michael. Ele cobrira, entretanto, o corpo com um roupão.

– Bom – disse eu, como sempre, quando terminava alguma coisa. Ele estendeu os braços.

– Anda cá – murmurou, puxou-me para si e enterrou o rosto no meu pescoço, e eu enterrei o meu no dele. Já quase desesperada, lancei os braços à volta dele e dei-lhe um beijo apaixonado.

» Estou sempre ao teu lado, estás a ouvir? – disse ele de encontro ao meu cabelo. – O que quer que faças ou que tenhas pela frente, estou sempre ao teu lado. Vou ajudar-te em pensamento.

– És um querido – respondi. – Obrigada.

Na verdade, as suas palavras teriam merecido outro acolhimento, mas não consegui. Apesar de tudo o que Michael significava para mim, o telegrama tornara-me de novo na filha da casa Lejongård, que tinha de ser casta até que os pais lhe encontrassem marido. Partia-me o coração, mas não tinha escolha. Relutante, soltei-me dele e virei-me para a bagagem.

– Vais voltar? – ouviu-se a sua voz atrás de mim.

Congelei. Fazia sempre aquela pergunta quando eu ia a casa, já antes me tinha perguntado. Das outras vezes, eu respondi sempre «sim» com uma gargalhada, mas agora o coração pesava-me. É claro que ia voltar. Mas naquele momento tinha dificuldade em dizer quando tal aconteceria, o que me desassossegava um pouco.

– Volto logo que puder, prometo – respondi, atirando-lhe ainda um beijo com a mão. Virei então definitivamente as costas, peguei no saco de viagem e saí de casa.

Cá fora fui recebida pelo aroma fresco da primavera, excecionalmente não corrompido por fedor algum: alguém se aliviava constantemente à porta de uma das casas ali perto, sobretudo ao final do dia de domingo, depois de horas de estudantes e outros homens regressarem a casa vindos das casas de pasto.

Seria possível que os Bons Templários se tivessem instalado entre os estudantes? Improvável.

Percorri a rua a passo rápido. O bairro de Norrmalm, com as suas ruas amplas e os edifícios classicistas, era um lugar de grande azáfama à segunda-feira de manhã. Além de trabalhadores e viajantes a caminho da estação de comboios, também andavam na rua muitos estudantes.

Também deveria ter ido esta manhã a um seminário na Academia Real de Belas Artes, mas encarei tal ideia com uma total e estranha indiferença. Tudo em meu redor me parecia tão distante, como se abrisse caminho no meio de um nevoeiro que só me permitia discernir os contornos à minha volta. A única coisa que percecionava era o peso do saco de viagem e as

voltas agitadas dentro do estômago. Quando partiria o próximo comboio? Poderia enviar antes um telegrama à minha mãe?

É espantoso o que o destino nos pode fazer. Ainda ontem não dedicava um só minuto a pensar na minha casa paterna. E agora não conseguia pensar em mais nada. De repente, todos os cheiros e impressões, os dias de sol e também as mágoas, estavam todos de volta, imagens que haviam ficado indissolúvelmente marcadas na minha mente.

– Agneta! – Uma voz arrancou-me dos pensamentos. Parei e virei-me. Marit vinha a correr na minha direção. Vinha a agarrar a saia verde, pelo que se via um pedaço dos seus compridos culotes. Os botins castanhos, com um ar sempre um tudo-nada gastos, estavam salpicados de lama. Um cachecol feito por ela à mão ondulava-lhe no pescoço. – Jesus Credo, és surda ou quê? – perguntou ela quando me alcançou. – Estou há imenso tempo a correr atrás de ti!

Marit estava a exagerar, eu estava a apenas duzentos metros de minha casa. Mas era mesmo assim, a minha amiga. Pousei o saco no chão à minha frente para a abraçar.

– Desculpa-me, estava perdida em pensamentos. Estou a caminho da estação. Assunto de família.

– Quer dizer que hoje não vens à manifestação à frente do gabinete do reitor? – Marit parecia desiludida. Com um tremendo fervor, organizava manifestações, criava materiais para faixas e chamava as mulheres a juntarem-se. Íamos hoje protestar à frente do gabinete do reitor contra as medidas de regulamentação das inscrições das mulheres. – Achava que praticamente não tinhas contacto com a tua família.

– E é verdade, mas aconteceu alguma coisa ao meu pai e ao meu irmão. Parece grave, e a minha mãe está a pedir-me que vá a casa imediatamente.

Marit levou a mão à boca.

– Isso é terrível! Ela não escreveu o que se passou?

Abanei a cabeça.

– Não. Mas não teria dito nada se não fosse mesmo urgente.

– Oh, lamento muito. – Envolveu-me nos seus braços e apertou-me com força. – Há alguma coisa que possa fazer por ti?

– Receio bem que não, mas obrigada. Contacto-te quando souber mais alguma coisa, está bem?

– Sim, por favor. Vou rezar pelo teu pai e o teu irmão. Não sou uma pessoa lá muito virada para Deus e a igreja, mas neste caso vou abrir uma exceção.

Era verdade. Só raramente Marit punha os pés na igreja, considerava que ali nada se fazia pela igualdade de direitos das mulheres. O facto de ela se propor a rezar por nós era realmente especial.

Secretamente, desejei poder levá-la comigo. O que quer que me esperasse, iria precisar sem falta do seu apoio, mas não era possível.

– Dá cumprimentos meus às outras – disse eu, quando a voltei a soltar dos meus braços. – Diz-lhes que torço por elas na manifestação.

– Isso agora não é importante – retorquiu Marit. – Para ti, neste momento o que conta é a família, mais nada. Embora seja obrigada a reconhecer que vamos sentir a tua falta. Quando me lembro de ti a pores o professor Svensson a um canto com as tuas palavras...

– Obrigada. – Abracei de novo Marit e apertei-a com força de encontro ao coração, e depois levantei o saco do chão. Parecia estar agora mais pesado.

– Que corra tudo bem e cuida de ti! – Marit ficou a acenar, até que me virei e segui caminho.

Passei pela lindíssima Ópera Real, diante da qual tantas vezes parei para simplesmente a observar, e aproximei-me por fim da estação.

Pairava no ar um pesado cheiro a fumo. Vindo do porto, ouviu-se a ruidosa buzina de um barco a vapor, seguida do apito de uma locomotiva. Desde que a Suécia decidira nunca mais voltar a envolver-se em guerras, o país vivia um período de prosperidade. E também para nós, mulheres, alguma coisa começava a mudar. Podíamos declarar a nossa emancipação aos vinte e cinco anos, desde que não fôssemos casadas. Só há pouco tempo fora aprovada uma lei que permitia às mulheres protegerem as posses que herdassem, mediante um contrato pré-nupcial. Eram vitórias importantes para o movimento feminista, mas ainda não alcançáramos o maior objetivo de todos: o direito de voto para as mulheres, que a Finlândia já introduzira há anos. Também na Noruega se fizeram progressos, mas aqui não. Os políticos podem fazer-se de surdos, mas isso não significa que não reparam no que andamos a fazer. Vamos continuar a lutar.

Na Academia Real de Belas Artes também iam acontecendo algumas coisas. Em 1864, fora admitida a primeira mulher, Anna Nordlander. É verdade que a tentativa de alguns estudantes e artistas, que se reuniram num grupo chamado «Opponenterna» para promover reformas essenciais, tinha falhado, mas, entretanto, havia cada vez mais mulheres a entrar para a Academia. É claro que havia conflitos, mas todos os problemas eram compensados com uma sensação de liberdade.

Quando finalmente cheguei à estação, escorria-me um ribeiro de suor pela cara e pelas costas. Estava satisfeita por ter vestido um casaco. O ar de março trazia consigo a ideia da primavera, mas era traiçoeiro. Diante do edifício branco classicista, movimentava-se um torvelinho de gente. Aqui e ali, destacava-se um chapéu ou um fato de cor creme. Os fiacres circulavam uns atrás dos outros e deles saíam mais passageiros. Questionei-me como conseguiam não pisar os calcanhares uns dos outros.

No ano passado, pintei a estação de comboios e tive direito a uma repreensão do meu professor. Optei pelo estilo de Van Gogh, por saber que o professor Andersen o adorava. Mas saiu-me o tiro pela culatra. O professor pôs-se a andar à volta do meu cavalete, à frente de todos os meus colegas, evidentemente, e ia abanando a cabeça de um lado para o outro. Depois, coçou o queixo, semicerrou os olhos e disse-me:

– Um belo trabalho. – E eu fui suficientemente estúpida para acreditar que ele estava mesmo prestes a fazer um elogio. – Belíssimo... para um copista. – A sua expressão escureceu tanto que me pareceu que o sol teria desaparecido das janelas. – E, no entanto, não me parece que esteja aqui para se formar em falsificadora de arte. É que, se assim fosse, eu teria de fazer questão de que a expulsassem imediatamente da universidade.

A voz de Andersen troou pela sala. Paralisei. Os olhares dos meus colegas espetavam-se em mim como agulhas. Não podia contar com a solidariedade da maioria. Quase não havia mulheres no seminário do professor Andersen, e a maioria dos homens, tal como o próprio professor, considerava que uma mulher estava melhor num casamento e atrás do fogão.

De certeza que o professor olhava para mim a pensar algo do género.

– E antes que me volte a relatar os pontos de vista das suas amigas sufragistas – continuou, agora mesmo furioso –, posso garantir-lhe pessoalmente que a teria expulsado do curso mesmo que fosse um homem. Se eu quiser ver um Van Gogh, viajo até Paris, mas aqui quem eu quero ver é a senhora! E saber se merece sequer receber formação comigo!

Mantive os olhos fixos no professor. Primeiro, era como se a minha cabeça se tivesse esvaziado, mas depois percebi o grande erro que cometera. Não era o meu estilo dar graxa fosse a quem fosse. Porque o tentara eu com Andersen?

Senti as lágrimas a subirem-me aos olhos, mas não queria desatar a chorar à frente dos outros. Os rapazes teriam de certeza feito troça. Pensei na minha mãe, refleti sobre o que ela teria dito e feito naquela situação. E, subitamente, a minha autocomiseração transformou-se em fúria.

Andersen observava-me, provavelmente à espera de lágrimas. Mas teve antes direito ao olhar mais raivoso que fui capaz de fazer.

Deixando aquela memória de lado, entrei no átrio de espera da estação. Dirigi os olhos para o grande relógio. Passara uma hora desde que recebera o telegrama. Formara-se uma longa fila na bilheteira. Não tinha outra escolha senão ir para a fila e esperar a minha vez. As minhas têmporas latejavam. Sob o teto abobadado do átrio, as vozes juntavam-se e formavam uma mistura impenetrável, quase pareciam trovões. Antigamente, toda aquela agitação empolgava-me: depois do sossego que rodeava permanentemente a nossa casa, aqueles sons do mundo significavam para mim a liberdade. Mas, por algum motivo, agora incomodavam-me, eram-me quase insuportáveis.

O apito de um comboio a entrar no cais distraiu-me um pouco. Entrou mais uma torrente de pessoas no átrio. Algumas usavam casacos de burel como eu, outros envolviam-se em peles caras. Captou-me a atenção uma mulher com um gigantesco chapéu de penas. A minha mãe tinha provavelmente dezenas de chapéus daqueles. Quanto a mim, não me agradava toda aquela pompa e muito menos aqueles adornos para a cabeça. Eram pesados e desajeitados e, muitas vezes, ocultavam as pessoas que os usavam.

– Menina?

Rodei nos calcanhares. A fila, entretanto, já avançara e era a minha vez.

– Oh, perdão, estava distraída. Queria um bilhete para Kristianstad. Quando sai o próximo comboio?

– Daqui a meia hora – respondeu. – Só ida?

– Sim. – Ouvi-me a responder, ainda antes de poder refletir. Eu prometera a Michael que estaria de volta o mais brevemente possível. Mas quando seria isso? A minha mãe não me teria escrito se fossem ferimentos ligeiros. O meu pai e, especialmente, o Hendrik precisavam do meu apoio. E se acontecesse o pior... Recusei-me a pensar nisso.

Mas sabia que, mesmo nessa situação, não poderia regressar sem mais nem menos. E não me podia dar ao luxo de desperdiçar dinheiro com um bilhete que depois não fosse utilizar.

O homem da bilheteira olhou-me por instantes e indicou-me o preço. Deslizei as coroas por cima do balcão e fui-me embora de bilhete na mão. Ia aproveitar o tempo que ainda tinha até ao comboio para enviar um telegrama à minha mãe.